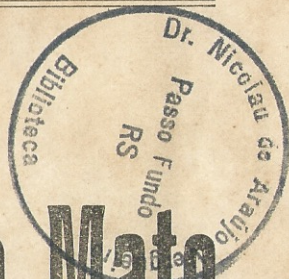


FRANCISCO ANTONINO XAVIER E OLIVEIRA



Oração ao Mate

Produzida na Exposição
Agro-Pecuaria e Industrial
de Carazinho, em
Junho de 1934.

Revista e impressa para acompanhar, na Ex-
posição Farroupilha, o mostruário hervateiro
de Passo Fundo.



PASSO FUNDO

1935



21290

Ao ilustre conterraneo
 Dr. Nicolau Araújo Vergueiro

afferece

o autor

P. F., 8-10-1935.

Mate!

Eu te venero porque és tu, pela tua antiguidade pre-colombiana, traço de ligação de uma civilização extinta, mas gloriosa, a dos Incas, cujos vestígios milenares o tempo não poude apagar ainda, e a nova civilização do Continente que tem por espinhaço a crista imponente e magestosa dos Andes, coroada pelos gelos, mas aquecida pelas estrophes sublimes de Castro Alves!

Como os monumentos de então, também tens resistido ao desfilar dos seculos e com tanto mais robusta comprovação quanto é certo que a archeologia, pesquisando jazigos funerarios de tão veivista época, lá constatou a presença de objectos relativos ao teu uso.

Herança, pois, do grande imperio de Manco Capac, tinhas tu de estender o teu imperio pela vastidão da America e para o dilatar, cada vez mais, trans-

pondo a propria immensidade oceanica, atravez da qual as naus de Castella e depois as da Luzitania, trouxeram do Velho Mundo, em suas bandeiras, a Cruz redemptora da Humanidade.

Incomprehendido a principio e mal-sinado até, foste combatido pelos missionarios jesuitas, que te julgaram pernicioso á civilisação dos indios, que elles, no seu zelo apostolico, visavam converter á doce e consoladora religião de Jesus Christo.

Baldado, porém, todo esforço em tal sentido feito, e talvez porque apurar viessem as extraordinarias virtudes que encerravas, trataram de aperfeiçoar-te, e, na intelligencia que lhes era propria, de cultivar-te nas suas reduções, o que fizeram em larga escala, escolhendo, na tua variedade botanica, as melhores variedades que apresentavas.

Assim firmado o teu papel nas Missões Orientaes do Uruguay, as bandeiras paulistas, aventurosamente perlustrando-as, te conheceram e levaram para leste e norte, trocando o teu nome gua-

rany «caa» pelo de «congonha», tirado da lingua dos «caingaings», na qual eras tu chamado *congoin*, palavra que dizer queria: «o que alimenta, o que sustenta»; ao mesmo tempo que te dilatavas para o sul do Rio Grande, entre o povo continentino das vastas estancias e lá, numa affirmação eloquente das tuas propriedades admiraveis, te adaptavas de tal modo ao viver da terra, que, dahi em diante, eras o companheiro indispensavel quer das madrugadas, quer do descanso do gaúcho, quando elle, retornando da lide campeira, á sombra do umbú, aguardava o preparo, lá dentro, do saboroso churrasco, ao fim do qual, de novo te cevava e, regaladamente, libava.

Dahi a tua presença e o affecto que te cercava, tanto na placidez do lar campeiro, quanto nas diversões tradicionais da terra e nas pelepas que tantas vezes, ao tropel das mais bravas cavallarias do mundo, fizeram coriscar e retinir as espadas e as lanças invenciveis do Rio Grande, em tórno, primeiro do pendão das quinas, plantado na vastidão do Brasil colonial pelas naus da des-

coberta, e depois, do auriverde pendão da nacionalidade, accordada pelo grito do Ypiranga.

Foste, pois, testemunha de todas as luctas em que o valor da gente gaúcha accendeu as altitudes da epopeia; és, portanto, um veterano de todas as campanhas em que, ao serviço da Patria ou da Liberdade, lançada foi ella nos seculos que lhe medem a historia immortal.

Eu te venero ainda, chimarrão amigo, porque, nos velhos dias de minha terra, da qual esta é fructo que, por sazonado, se desprendeu (1), foste companheiro tambem do curitybano destemeroso que, noite e dia, rondado pelo selvicola bravo ou pelo tigre carniceiro, lá erguera morada, após longa viagem, a-travez desertas paragens, cobertas de mattas e sulcadas por caudalosos rios, um dos quaes tão largo e profundo que teve elle de transpôl-o em pelota de cou-

(1) O territorio de Carazinho foi desmembrado de Passo Fundo, em 1931, para constituir o respectivo municipio.

ro, e, por isso mesmo, ainda hoje, como lembrança de então, desse barco improvisado o nome conserva, posto no plural — Pelotas.

Foi ahi que, á noite, alimentando o fogão que te seccava, no carijo, esse pioneiro do desbravamento da zona, saudoso dos Campos Geraes da comarca distante donde viéra á busca de fortuna, soltou o canto, ao som da viola, que de lá trouxera ás costas, e com as suas trovas rusticas, mas repassadas do mavioso sentimento que a nostalgia faz o coração exteriorizar, inconscientemente lançou, por estes campos e por estas mattas, que ahi desabrochavam para que as beijasse a luz da civilização, a semente vivaz desse romantismo que ainda hoje transparece, tão flagrantemente, na alma generosa da espalhada gente que delle descende.

Terminada a tarefa do teu carijo, eras cancheado, e, feito isso, passavas ao soque onde:

«O velho monjolo
que moia ao pilão,
ao vento dizia:
«Inhé-bangandão.»

Parecia ser elle
de lá coração
que agisse, dizendo:
«Inhé-bangandão.» (2)

Em seguida, naquelles grandes sur-
rões que te vestiam para a grande via-
gem que tinhas de fazer na tua velha
companheira, a carreta de bois, toldada
de palha de santa-fé, ias tu para a fron-
teira do sul, de onde, como resultado
de tua venda, o carreteiro volvia tra-
zendo gado vaccum, para formar ou re-
forçar a estancia em perspectiva, ou com
cavallares e muares, que, após inver-
nagem nos pagos d'elle, aqui situados,
tocava para São Paulo, vendendo-os lá

(2) De «Pelo Passado», do autor, parte inedi-
ta ainda.

e tornando, para outra e outras vezes
fazer o mesmo e, assim, lograr a fortu-
na ambicionada.

Era nessas viagens á Paulicéa que el-
le, o hervateiro, carreteiro e tropeiro, em
sua barraca, armada á beira de pitto-
resca restinga, dentro da qual murmu-
ravam aguas crystalinas, gosava o de-
leite que estes versos retratam:

«Quando a barra do dia
lá no céu apontava,
o sincerro, na ronda,
alvorada cantava...

Seu tanger sacudia
da barraca o repouso,
convidando a buscar
outra ronda, outro pouso.

O sincerro cantava
ora alli, ora além,
lá na ronda dizendo,
«Delêm, delêm, delêm...»

A peonada mateava,
em redor do fogão,
relembrando a querencia
—terra do coração.

É o sincerro proseava,
lá na ronda também,
suspirando e dizendo:
«Delêm, delêm, delêm...» (3)

Sem duvida por tudo isso e pelo auxilio que á pobreza davas, teria sido que a tua arvore pródiga, um dia, apreciada na extensão da sua influencia na economia da terra, foi chamada—«arvore de ouro.»

E' que tu, por um milagre tão grande, quanto singelo, ao simples calor do teu carijo, seguido do bater compassado do monjolo, resolvias o problema cuja solução os pesquisadores da pedra philosophal ainda hoje não lograriam realizar: te convertias no precioso metal

(3) De «Pelo Passado», do autor, parte inédita ainda.

que, bem applicado, pôde fazer a grandeza e a gloria do homem e dos povos, ao passo que o não sendo os infelicitava, podendô até arrastal-os á indignidade.

Evocando essa trajectoria toda, tão longa quanto bella, é que, na hora da tua consagração, em Carazinho, eu, enternecido, te proclamo um symbolo vivo do nosso passado, um companheiro fiel das tradições e da gloria do Rio Grande do Sul.

